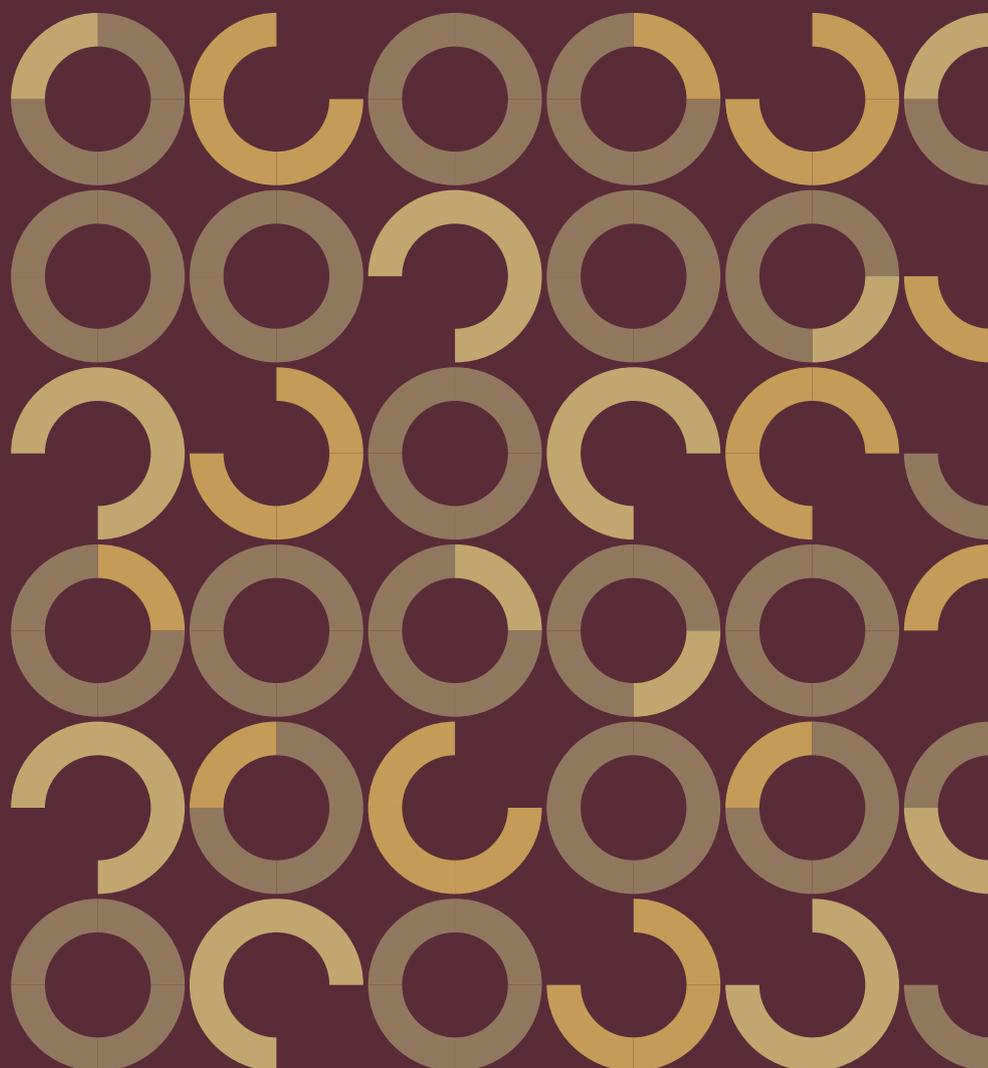


ESTUDOS ELEITORAIS

VOLUME 13 – NÚMERO 2
MAIO/AGOSTO 2018

BRASÍLIA – 2019

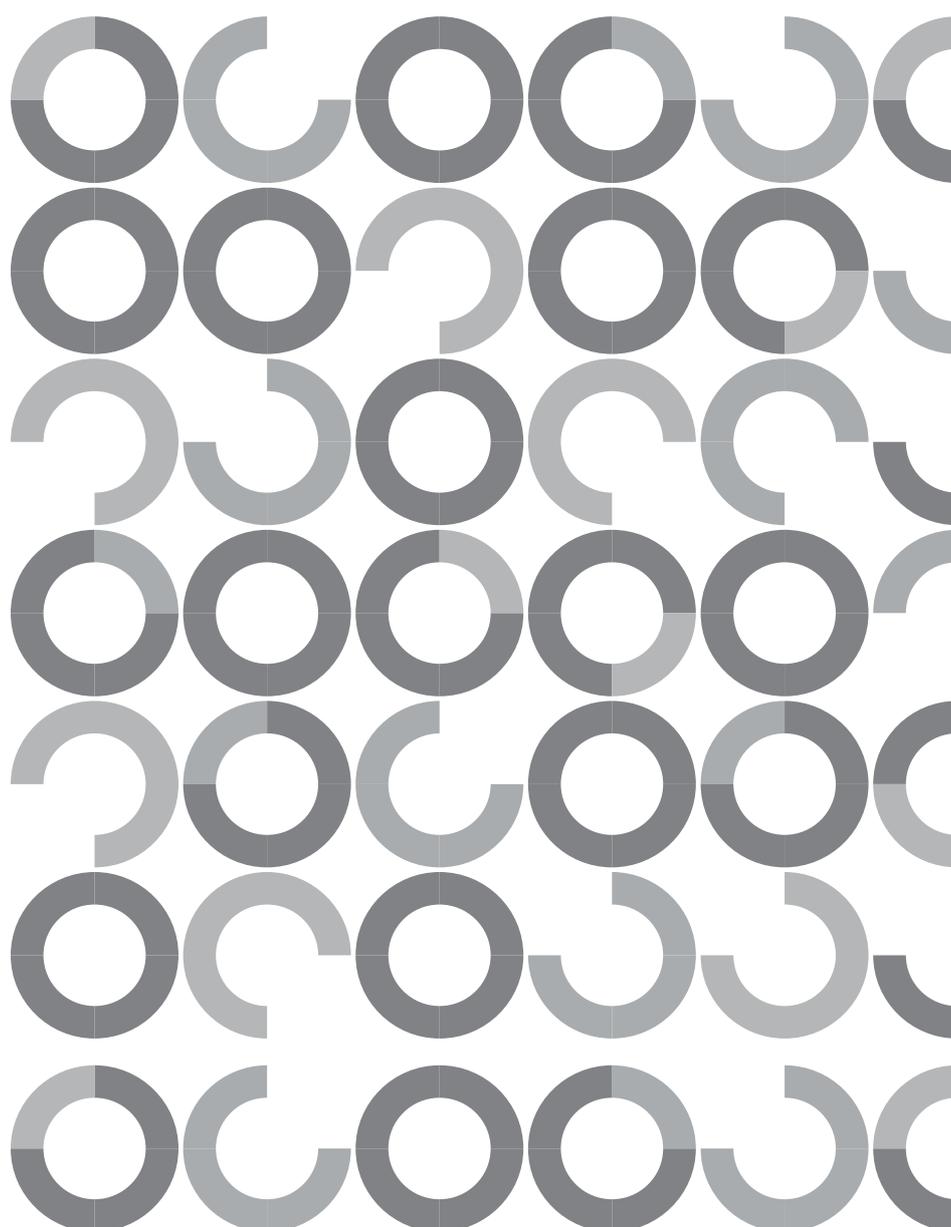


ESTUDOS ELEITORAIS

LIDERANÇA REGIONAL IMPORTA NAS VOTAÇÕES
PARA PRESIDENTE DO BRASIL?

MANUEL ALCÁNTARA SÁEZ

EMERSON URIZZI CERVI



LIDERANÇA REGIONAL IMPORTA NAS VOTAÇÕES PARA PRESIDENTE DO BRASIL?¹

REGIONAL LEADERSHIP MATTERS IN THE VOTES FOR PRESIDENT OF BRAZIL?

MANUEL ALCÁNTARA SÁEZ²

EMERSON URIZZI CERVI³

RESUMO

O artigo aborda a relação entre lideranças regionais, nacionais e o papel dos partidos políticos nas eleições para presidente. O objeto é o conjunto de seis eleições nacionais no Brasil entre 1994 e 2014. No país, as eleições para a Presidência da República são concomitantes às dos cargos regionais de governador, senador, deputado federal e deputado estadual/distrital. A pergunta de pesquisa é: existe alguma relação entre o bom desempenho eleitoral de líderes regionais e o desempenho do candidato a presidente do mesmo partido? A hipótese levantada é: se há relação entre votos de líderes regionais e nacionais, ocorre fortalecimento dos partidos políticos, ao menos de maneira indireta. E, se houver independência entre desempenho regional e nacional dos partidos, ter-se-ia baixa integração eleitoral entre lideranças regionais e nacionais do mesmo partido. Para testar a relação entre líderes regionais e

¹ Artigo recebido em 8.8.2018 e aprovado para publicação em 26.10.2018. <https://seer.tse.jus.br/index.php/estudoseleitorais/article/view/103>

² Cientista Político. Professor catedrático de Ciência Política da Universidad de Salamanca. Fundador e ex-Presidente da Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Ciência Política.

³ Cientista Político. Professor associado do departamento de ciência política da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de estágio pós-doutoral em partidos e eleições pela Capes-Brasil.

nacionais nos últimos 20 anos no Brasil, são comparados os resultados das eleições estaduais e nacionais do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 1994 e 2014.

Palavras-chave: Eleições (Brasil). Liderança. Partido político (PSDB, PT). Influência. Candidato. Presidente.

ABSTRACT

The paper discusses the relationship between regional, national leaderships and the importance of political parties in presidential elections. The object is the set of six national elections in Brazil between 1994 and 2014. In the country, the elections for president are concomitant to that of the regional governor, senator, federal representative and state deputy elections. The question is: there any relationship between the electoral performance of regional leaders and the performance of the candidate for president of the same party? The hypothesis is that if there is a relationship between the votes of regional leaders and the national leader, this would reinforce the political parties, at least indirectly. And if there is independence between regional and national performance of parties, this would indicate low electoral integration between regional and national leaders of the same party. To test the relationship between regional and national leaders in the last 20 years in Brazil, the results of state and national elections of PSDB and PT between 1994 and 2014 are compared.

Keywords: Elections (Brazil). Leadership. Political party (PSDB, PT). Influence. Candidate. President.

1 Introdução

O artigo trata da relação entre lideranças regionais, nacionais e o papel dos partidos políticos em eleições para presidente. O objeto é o conjunto de seis eleições nacionais do Brasil entre 1994 e 2014. No Brasil, as eleições presidenciais SÃO concomitantes às regionais para governador, senador, deputado federal e estadual. Sistemas presidencialistas, com eleição direta para cargos executivos, são definidos na literatura como favoráveis ao fortalecimento de lideranças personalistas, que entram em contato direto com o eleitor, sem a necessidade da intermediação permanente dos partidos políticos (LEAL, 1986; GRAHAM, 1997; EPSTEIN, 2009). Uma característica do presidencialismo brasileiro é a manutenção de lideranças regionais com certa independência das lideranças nacionais (CARVALHO, 1999). A pergunta que move o estudo é: existe alguma relação entre o bom desempenho eleitoral de líderes regionais e o desempenho do presidenciável do partido? A hipótese é que, se houver relação entre desempenho eleitoral de lideranças regionais e líder nacional, isso fortaleceria os partidos políticos – ao menos indiretamente. Já a independência entre desempenho regional e nacional dos partidos indicaria baixa integração eleitoral entre lideranças regionais e nacionais do mesmo partido.

Para testar a relação entre lideranças regionais e nacionais nos últimos 20 anos no Brasil, são comparados os resultados de eleições estaduais e nacionais do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 1994 e 2014. A análise está dividida em duas partes: na primeira, são apresentados os estados em que PT e PSDB conseguiram seus melhores desempenhos em cada eleição regional entre 1994 e 2014. Para tanto, é usado o Índice de Presença Eleitoral (IPE), que identifica a densidade eleitoral de cada partido nos municípios brasileiros por eleição. O Índice é composto por três dimensões: (i) número de candidatos eleitos; (ii) votos nominais e de

legenda; e (iii) recursos financeiros arrecadados para as campanhas de governador, senador, deputado federal e estadual. Assim, o índice indica quanto do total de presença eleitoral em determinado distrito é ocupado por um partido político específico⁴. Com a identificação dos distritos com melhor desempenho regional do PT e do PSDB nas eleições, faz-se descrição de quem são as principais lideranças eleitorais nos estados em cada eleição, sendo a unidade de análise o município. São considerados os índices de presença e as proporções de votos obtidos pelos candidatos a presidente em todos os 5,6 mil municípios brasileiros. A decisão de usar o distrito com maior média de presença eleitoral justifica-se para verificar se a força dos líderes regionais se reflete ou não na votação do candidato a presidente de cada um dos partidos aqui considerados.

A segunda parte da análise compara o desempenho eleitoral do partido nas disputas para os cargos regionais com a votação para o candidato a presidente do partido no distrito eleitoral. Como o índice é medido na escala de zero a um, e a votação para presidente, em proporção de votos, os dois indicadores podem ser comparados diretamente. A comparação será feita entre a média do desempenho dos candidatos de cada partido em análise e por município do distrito com melhor desempenho e a média dos demais municípios do país. O mesmo se dá com as médias de votações para os candidatos a presidente dos municípios do distrito com melhor desempenho regional com os demais do país. De forma complementar, são apresentadas as estatísticas de testes de diferenças de médias *t-student*⁵ entre as médias de IPE e votos para presidente nos municípios dos distritos eleitorais com melhor desempenho das lideranças regionais com o restante do país.

⁴ Para uma descrição detalhada da composição do IPE, ver “Índice de Presença Eleitoral” para partidos políticos, Cervi (2016), disponível em: <http://americo.usal.es/iberoame/sites/default/files/2016_paper_SemIberoIpe_esp_pdf.pdf>. Acesso em: 3 maio 2016.

⁵ A prova “t de Student” é usada para comparar médias entre uma variável contínua e outra categórica dicotômica, sendo que a hipótese nula sempre será que não existem diferenças significativas entre os dois grupos analisados. Foi elaborada por Gosset, sob o pseudônimo de Student e demonstrada por Fisher em 1926.

Liderança eleitoral é definida aqui como o líder político que obtém desempenho destacado em disputas majoritárias, regionais ou nacionais. Saez (2013) lembra que o que move um candidato em uma eleição é a esperança de chegar e se manter no poder. No entanto, a incerteza presente nas eleições faz com que os políticos enfrentem a possibilidade de perder seu *status* e influência periodicamente. As eleições são momentos em que líderes e liderados se encontram; se não para prestação de contas por parte dos líderes, pelo menos para que os liderados identifiquem quem são os políticos que merecem continuar e os que devem sair do cenário. Natera (2001) apresenta quatro funções da liderança política: um líder apresenta impulso, comunicação, legitimação política e capacidade de agregação de demandas e interesses coletivos. No caso do líder eleitoral, tais funções são materializadas na forma de votos, ou seja, o líder eleitoral é aquele que consegue transformar sua legitimidade política, capacidade de agregação de interesses e de comunicação em decisão de voto do eleitor. Segundo Verba (1961), a definição de líder político remete a uma orientação de valores, diferenciando-a de outras formas de relação de poder. Há uma dimensão de dominação, pois o líder é aquele que consegue controlar, em alguma medida, o eleitor ou o grupo, seja pela força ou pelo apelo emocional. A tentativa de controle por apelos emocionais predomina na relação entre a liderança eleitoral e o eleitor e se aplica tanto em nível regional quanto nacional. Elcock (2001) chama atenção para a dimensão relacional que existe entre líder e liderado ao considerar que a atuação da liderança não se dá por conta própria, mas em grande medida em função do tipo de relação que ele tem com os liderados. A interação entre a personalidade do líder eleitoral e dos eleitores é o ponto de partida para explicações sobre o processo da decisão de voto; ainda assim, em todos os casos, a lealdade aos líderes por parte dos liderados é condicional, principalmente em sistema democráticos. No caso eleitoral, a lealdade só se sustenta enquanto os interesses e as opiniões dos eleitores são defendidos pelos líderes (ELCOCK, 2001). O ponto aqui é identificar se a força relacional de um líder regional está

associada aos votos de um líder nacional do mesmo partido. O Brasil é um dos países latinoamericanos com a menor concentração de votos nos principais partidos, o que gera um sistema fragmentado e com alto número de partidos relevantes em cada eleição. Além disso, num sistema presidencialista, os líderes políticos dividem-se entre governo e oposição em relação ao grupo político que está no poder. Isso vale tanto para os governos nacionais quanto para regionais e locais (SAEZ, 1996). Assim, no presidencialismo brasileiro, a liderança eleitoral tem como principal objetivo o de alcançar os postos decisórios dos governos para poder representar seus liderados. Quanto mais governos locais e regionais são vencidos por líderes de determinado partido político, mais estrutura eles têm para dar continuidade ao processo de representação dos interesses dos liderados.

Como as eleições para presidente da República, governador de estado, senador, deputado federal e deputado estadual ocorrem em paralelo, é possível considerar que o bom desempenho de uma liderança local nas eleições regionais pode refletir positivamente na votação para presidente naquele distrito eleitoral. O contrário também é possível, pois baixo desempenho dos candidatos regionais pode refletir em queda na votação para a Presidência. No próximo tópico, serão apresentados os perfis dos líderes regionais do PT e do PSDB com melhores desempenhos em cada eleição e, então, comparados com o desempenho do candidato a presidente do partido na mesma província.

2 Dados e análises

Como antecipado, a análise é feita em duas partes: na primeira, identifica-se em qual Unidade da Federação (UF) o partido teve o melhor desempenho regional em cada uma das seis eleições nacionais entre 1994 e 2014. Uma vez identificada a UF, descrevem-se os líderes que conseguiram o melhor desempenho em termos de força eleitoral, medida por presença do partido no estado. Para medir a força das lideranças

regionais, o IPE do partido mede o volume de presença de um partido em determinada eleição em relação a todos os demais. Assim, quanto maior o IPE, mais força política os líderes regionais de um partido conseguiram acumular em uma eleição. No caso, os líderes são os candidatos nas disputas majoritárias, para governador e para senador. Mas, para serem líderes regionais de destaque em relação a outros estados, os partidos precisam ter bons desempenhos em eleições proporcionais para deputado federal e deputado estadual. Em segundo lugar, realiza-se teste de diferenças de médias entre o desempenho do partido no estado com melhor desempenho e a votação do candidato a presidente do partido. Com base nisso, será possível testar a hipótese de que o desempenho de liderança local se dá de forma associada ao desempenho do candidato do partido à Presidência. Se este tem melhor desempenho no estado em que há forte liderança eleitoral, mas não se associa nas outras eleições, então o efeito é positivo, senão haverá distância entre o desempenho do líder regional e do candidato a presidente do partido.

O quadro 1 apresenta os líderes regionais eleitos pelos partidos no distrito eleitoral com melhor desempenho em cada eleição. Para comparar o desempenho regional, foi usada a medida *z-score*, que é uma padronização estabelecida com base nas médias e nos desvios dos IPEs por estado. Com o *z-score* é possível comparar o desempenho de um partido em uma eleição em relação às demais e também fazer comparações entre os dois partidos. Quanto maior o *z-score*, mais alto foi o desempenho regional do partido naquele ano. O quadro apresenta apenas um estado – o que tem o valor mais alto – por eleição e partido. Em algumas eleições, o segundo *z-score* mais alto ficou próximo do segundo lugar, mas este foi descartado para garantir a comparação apenas entre os primeiros desempenhos regionais.

Em 1994, o melhor desempenho regional do PT foi no Distrito Federal (DF), com $z=2,69$. Naquele ano, o partido elegeu o Governador

do DF, professor universitário e ex-Reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque, e elegeu o Senador Lauro Campos, também professor universitário da UnB. Naquele ano, 25% dos deputados federais e 29% dos deputados distritais do DF foram eleitos pelo PT, constituindo o melhor desempenho eleitoral do partido no DF desde então.

Quanto ao PSDB, o melhor IPE de 1994 do partido foi no Estado do Ceará (que manterá o posto de melhor desempenho do partido até 2002), com $z=3,26$. Este valor é o melhor z-score do PSDB na série histórica aqui analisada. Foi eleito Governador do Ceará pelo PSDB naquele ano o empresário Tasso Jereissati, que já havia governado o estado entre 1987 e 1990. Jereissati também foi um dos fundadores do PSDB em 1988. Como Senador pelo Ceará o PSDB elegeu Sérgio Machado, empresário da área de comunicações, proprietário de emissoras de televisão e de rádio no Ceará. Esta foi a eleição em que o PSDB conseguiu seus melhores desempenhos para os cargos legislativos regionais do estado – elegeu 50% da bancada de deputados federais e 43% dos deputados estaduais naquele ano.

Em 1998, o melhor desempenho do PT foi no Estado do Acre, Região Norte, e um dos que apresentam as mais baixas populações do país. O $z=3,35$ indica o melhor desempenho regional entre os dois partidos nas seis eleições incluídas aqui. Foi eleito Governador do Estado pelo PT o engenheiro Jorge Viana, até então sem nenhuma experiência eleitoral. Como Senador foi eleito o médico Tião Viana, irmão de Jorge Viana. O Estado do Acre se manteve como o distrito com melhor desempenho regional do PT até 2006. Em todas as eleições entre 1998 e 2006, pelo menos um dos irmãos Viana foi eleito para um dos cargos com eleição majoritária, governador ou senador. O desempenho do PT no Acre em 1998 para os cargos legislativos não foi o mais baixo entre todos os distritos eleitorais com maior IPE: o partido elegeu apenas 12,5% de deputados federais e 12,5% de estaduais.

Já o melhor desempenho do PSDB, no mesmo ano, continuou sendo no Estado do Ceará ($z=2,75$), com a reeleição de Tasso Jereissati para o governo do estado. Para o Senado, o partido elegeu o empresário Luiz Pontes. Apesar da queda no valor do z-score em relação ao pleito no estado, o PSDB continuou sendo o partido majoritário nos cargos eletivos do Ceará, com 50% dos deputados federais e 46% dos estaduais eleitos naquele ano.

Em 2002, o Estado do Acre continuou sendo o de melhor desempenho regional do PT, com $z=2,66$. O então Governador Jorge Viana foi reeleito e como Senadora o PT elegeu a ambientalista Marina Silva. O desempenho do partido nas eleições legislativas do Acre melhorou, com 37,5% dos deputados federais eleitos e 21% dos deputados estaduais.

O Ceará continuou sendo o estado com melhor desempenho regional do PSDB, com $z=2,29$, em 2002 – o então Governador Tasso Jereissati foi eleito Senador naquele ano, e o médico Lucio Alcântara, Governador do estado. Embora sem repetir o bom desempenho legislativo em anos anteriores, o PSDB manteve as maiores bancadas partidárias, com 41% dos deputados federais eleitos e 37% dos deputados estaduais.

Quadro 1 – Líderes regionais com melhor desempenho do PT e do PSDB entre 1994 e 2014

Ano	PT		PSDB	
1994	DF 2,69	Governador Cristóvão Buarque Senador Lauro Campos 2 de 8 deputados federais: 25% 7 de 24 deputados distritais: 29%	CE 3,26	Governador Tasso Jereissati Senador Sergio Machado 11 de 22 deputados federais: 50% 20 de 46 deputados estaduais: 43%

(Continuação)

Ano	PT		PSDB	
1998	AC 3,35	Governador Jorge Viana Senador Tião Viana 1 de 8 deputados federais: 12,5% 3 de 24 deputados estaduais: 12,5%	CE 2,75	Governador Tasso Jereissati Senador Luiz Pontes 11 de 22 deputados federais: 50% 21 de 46 deputados estaduais: 46%
2002	AC 2,66	Governador Jorge Viana Senadora Marina Silva 3 de 8 deputados federais: 37,5% 5 de 24 deputados estaduais: 21%	CE 2,41	Governador Lucio Alcântara Senador Tasso Jereissati 9 de 22 deputados federais: 41% 17 de 46 deputados estaduais: 37%
2006	AC 3,25	Governador Binho Marques Senador Tião Viana 3 de 8 deputados federais: 37,5% 7 de 24 deputados estaduais: 29%	PB 2,29	Governador Cassio Cunha Lima Senador Cícero Lucena 3 de 12 deputados federais: 25% 9 de 37 deputados estaduais: 24%
2010	BA 2,05	Governador Jacques Wagner Senador Walter Pinheiro 10 de 39 deputados federais: 26% 14 de 63 deputados estaduais: 22%	MG 2,03	Governador Antonio Anastasia Senador Aécio Neves 8 de 53 deputado federais: 15% 13 de 77 deputados estaduais: 17%
2014	BA 1,64	Governador Rui Costa Não elegeu senador 8 de 39 deputados federais: 20,5% 11 de 63 deputados estaduais: 17%	SP 2,42	Governador Geraldo Alckmin Senador José Serra 14 de 70 deputados federais: 20% 22 de 94 deputados estaduais: 23%

Fonte: autores

Em 2006, ocorreu a terceira eleição seguida em que o melhor desempenho regional do PT foi no Estado do Acre, com $z=3,25$ (ver quadro 1). Foi eleito Governador o professor de história Binho Marques.

Como Senador o PT do Acre reelegeu Tião Viana. Os percentuais de deputados eleitos mantiveram-se estáveis em relação à eleição anterior, com 26% de deputados federais e 22% de deputados estaduais eleitos pelo PT do Acre.

No PSDB, o melhor desempenho regional em 2006 foi no pequeno Estado da Região Nordeste, Paraíba. O partido elegeu como Governador o advogado e ex-Prefeito da capital Cássio Cunha Lima. Como Senador foi eleito o empresário da área de construção civil Cícero Lucena, que também pertence a uma família tradicional na política da Paraíba. O $z=2,29$ foi garantido também pela eleição de 25% dos deputados federais e 24% dos estaduais do estado pelo PSDB.

Em 2010, o melhor desempenho regional do PT passa a ser no Estado da Bahia, o mais populoso da Região Nordeste. Com $z=2,05$, o partido elegeu como Governador o sindicalista da área petroquímica Jacques Wagner e como Senador o funcionário da empresa estatal de telecomunicações Walter Pinheiro. O PT conseguiu eleger 26% de deputados federais e 22% de estaduais da Bahia naquele ano.

No caso do PSDB, em 2010, o estado com melhor desempenho regional foi Minas Gerais, com $z=2,03$. Foi eleito Governador o então Vice-Governador do estado, o advogado Antonio Anastasia, e como Senador o então Governador, Aécio Neves. Minas Gerais em 2010 foi o estado com pior desempenho regional do PSDB entre 1994 e 2014 em eleições legislativas, com apenas 15% de deputados federais e 17% de estaduais eleitos pelo partido.

Por fim, na eleição de 2014, o melhor desempenho regional do PT manteve-se no Estado da Bahia, embora com o menor valor de z-score de toda a série ($z=1,64$). O partido elegeu como Governador o economista Rui Costa. O PT não elegeu senador pela Bahia em 2014, tendo apenas 20,5% dos deputados federais e 17% dos deputados estaduais do estado.

No PSDB, o melhor desempenho regional de 2014 ficou no Estado de São Paulo, com $z=2,42$, onde o partido reelegeu o então Governador, Geraldo Alckmin, e elegeu como Senador o ex-Governador José Serra. O desempenho do partido nas disputas estaduais não foi tão bom quanto em outros estados em anos anteriores, tendo elegido 20% dos deputados federais e 23% dos deputados estaduais em 2014. A comparação dos valores de *z-score* dos dois partidos ao longo do tempo mostra queda da presença de ambos nos pleitos regionais a partir de 2010.

Feitas as descrições dos resultados regionais dos dois partidos, o próximo passo da análise é comparar o desempenho das lideranças eleitorais regionais com o do candidato a presidente do partido. Assim, é possível identificar se existe alguma relação entre o desempenho eleitoral dos líderes regionais com as eleições nacionais. Para tanto, serão usadas as proporções médias de presença eleitoral dos municípios no distrito com maior desempenho regional com a média dos demais municípios, apresentando as diferenças médias e a estatística *t-student* de diferenças de médias para os dois grupos de municípios – o distrito eleitoral com melhor desempenho X os demais distritos eleitorais. Como as diferenças de médias para o IPE são entre o distrito com melhor desempenho em relação aos demais, espera-se que as distinções sempre sejam estatisticamente significativas ao nível de $p<0,050$. Já para o desempenho presidencial do partido, os resultados podem ser distintos: se houver associação entre desempenho das lideranças regionais e do presidente, as médias de votos para o candidato do partido à Presidência ficariam acima da média dos demais distritos eleitorais; do contrário, as proporções de voto não apresentarão diferenças estatisticamente significativas ou, ainda, com sinal negativo, quando a proporção média de votos do candidato a presidente no distrito eleitoral ficar abaixo da média dos municípios dos demais distritos.

A tabela 1 a seguir compara as médias obtidas pelas lideranças regionais e candidatos a presidente do PT entre 1994 e 2014. As

diferenças de médias entre IPE e proporção de votos para candidato a à Presidência mostram comportamentos distintos. Na primeira eleição, em 1994, as duas diferenças ficam muito próximas. O IPE regional no DF ficou 0,231 (23,1%) acima da média dos demais distritos eleitorais, e a média da proporção de votos para presidente no DF 0,239 (23,9%), acima da média dos demais distritos. Ainda que não seja possível falar em determinação, os testes de diferenças de médias mostram que, em 1994, tanto lideranças regionais quanto o candidato a presidente do PT tiveram desempenhos acima da média geral naquele ano no Distrito Federal. Nas três eleições seguintes, 1998 a 2006, o melhor desempenho regional do PT foi no Acre, e a relação com a votação para presidente foi distinta. Em todas elas, o IPE do Acre ficou acima da média dos demais distritos, com valores crescentes, variando de 0,211 em 1998 a 0,411 em 2006 – todos estatisticamente significativos para o teste “t”.

Já o desempenho eleitoral presidenciável do PT no Acre não apresentou os mesmos resultados em relação aos demais distritos eleitorais. As diferenças de proporções de votos foram baixas, próximas a zero nas três disputas. Além disso, em 1998 e 2006, as diferenças foram negativas, ou seja, a média de proporção de votos para presidente no Acre ficou abaixo da média nos demais distritos eleitorais. Em 1998 e 2002, os coeficientes do teste de diferenças não são estatisticamente significativos. Já em 2006, a distinção é negativa e estatisticamente significativa. As comparações mostram dissociação entre o desempenho das lideranças eleitorais do PT do Acre e o desempenho eleitoral do candidato do partido no estado.

Nas duas últimas eleições, em 2010 e 2014, as lideranças regionais do PT da Bahia apresentaram os melhores resultados comparativos. Nesses casos, assim como havia acontecido em 1994, houve melhor desempenho do presidenciável do partido nesse distrito eleitoral. As diferenças de IPE regional foram de 0,229 e 0,110, respectivamente, enquanto as diferenças de proporções de votos para presidente ficaram

em 0,155 e 0,181. Todos os coeficientes das diferenças de médias são estatisticamente significativos.

Tab. 1 – Comparação entre candidatos a presidente e líderes regionais do PT entre 1994 e 2014

Ano	Distrito eleitoral	IPE regional			Prop. votos presid.		
		Média	Dif. med.	Estat. t (p)	Média	Dif. med.	Estat. t (p)
1994	Outros DF	0,230 0,462	+0,231	3,382 (0,001)	0,158 0,398	+0,239	2,719 (0,007)
1998	Outros AC	0,107 0,319	+0,211	17,150 (0,000)	0,247 0,218	-0,029	1,066 (0,286)
2002	Outros AC	0,194 0,505	+0,310	43,075 (0,000)	0,620 0,657	+0,037	1,188 (0,235)
2006	Outros AC	0,147 0,559	+0,411	74,660 (0,000)	0,516 0,446	-0,069	3,673 (0,001)
2010	Outros BA	0,156 0,385	+0,229	128,040 (0,000)	0,541 0,696	+0,155	29,854 (0,000)
2014	Outros BA	0,187 0,297	+0,110	77,248 (0,000)	0,508 0,690	+0,181	31,723 (0,000)

Fonte: autores

No caso do PSDB, vide tabela 2 a seguir, nas três primeiras eleições, entre 1994 e 2002, o Ceará foi o estado com melhor desempenho regional do partido, apresentando médias de IPE por município 0,332, 0,352 e 0,217 acima das médias dos demais distritos eleitorais. Já o desempenho do candidato à Presidência da República foi bastante distinto. Na primeira eleição, a proporção de votos dele ficou 0,104 (10,4%) em média acima dos demais distritos eleitorais. Em 1998, ela ficou -0,206 (20,6%) abaixo em média e, em 2002, a discrepância foi de -0,138 (13,8%) abaixo. Ou seja, ainda que na primeira eleição o candidato a presidente tenha acompanhado o desempenho das lideranças regionais do partido, nas demais isso não ocorreu. Em 2006, na Paraíba, também houve distinção nas diferenças de médias. As lideranças regionais do partido tiveram IPE 0,207 acima da média dos outros estados, enquanto

a votação do presidencialível ficou abaixo -0,167 da proporção média dos demais distritos eleitorais. Até 2018, os coeficientes de diferenças de médias foram estatisticamente significativos para todas as eleições.

Em 2010, o melhor desempenho de lideranças eleitorais regionais foi em Minas Gerais, onde o IPE do PSDB ficou 0,173 acima da média dos demais estados. Já o desempenho do candidato do partido a presidente em Minas Gerais ficou muito próximo da média do resto do país, com diferença de média de apenas -0,001 (-1,0%), não estatisticamente significativa. Já em 2014, o Estado de São Paulo apresentou o melhor desempenho de lideranças nas eleições regionais, com IPE de 0,253 acima da média de outros estados. A diferença da proporção de votos também foi alta, +0,190 (19% acima) e apresentou coeficiente estatisticamente significativo.

Tab. 2 – Comparação entre candidato a presidente e líder regional do PSDB entre 1994 e 2014

Ano	Distrito eleitoral	IPE regional			Vot. presid.		
		Média	Dif. med.	Estat. t (p)	Média	Dif. med.	Estat. t (p)
1994	Outros CE	0,072 0,405	+0,332	335,380 (0,000)	0,429 0,534	+0,104	15,690 (0,000)
1998	Outros CE	0,141 0,494	+0,352	69,467 (0,000)	0,603 0,397	-0,206	19,541 (0,000)
2002	Outros CE	0,189 0,407	+0,217	65,311 (0,000)	0,203 0,065	-0,138	47,204 (0,000)
2006	Outros PB	0,177 0,385	+0,207	83,662 (0,000)	0,439 0,266	-0,167	27,782 (0,000)
2010	Outros MG	0,155 0,329	+0,173	106,234 (0,000)	0,336 0,334	-0,001	0,435 (0,664)
2014	Outros SP	0,150 0,403	+0,253	122,280 (0,000)	0,306 0,496	+0,190	42,248 (0,000)

Fonte: autores

Uma informação importante para a comparação entre o desempenho do candidato a presidente nos distritos de melhor desempenho de líderes regionais do partido é a origem geográfica do candidato. Em nenhum dos casos, tanto do PT quanto do PSDB, o melhor desempenho regional entre 1994 e 2014 foi no estado de origem do presidenciável. No caso do PT, nas quatro eleições entre 1994 e 2006, o candidato foi Luiz Inácio Lula da Silva, que é do Estado de Pernambuco. Em 2010 e 2014, a candidata foi Dilma Rousseff, que tinha domicílio eleitoral no Rio Grande do Sul. No caso do PSDB, entre 1994 e 2010, todos os candidatos eram do Estado de São Paulo (Fernando Henrique Cardoso em 1994 e 1998; José Serra em 2002 e 2010; Geraldo Alckmin em 2006). Apenas em 2014 é que o candidato do partido, Aécio Neves, era de Minas Gerais. Curiosamente, esta foi a única eleição em que São Paulo aparece com o melhor desempenho eleitoral para os cargos regionais.

3 Considerações finais

A principal conclusão do artigo é a impossibilidade de indicar associação entre o desempenho de líderes regionais dos dois partidos em análise e dos candidatos a presidente dos mesmos partidos nos distritos eleitorais. Ao contrário do esperado inicialmente, regiões onde os partidos apresentam líderes com grande presença eleitoral não são necessariamente as mesmas onde os candidatos à Presidência têm suas maiores votações, resultados iniciais que permitem a abertura de futuras pesquisas para testar a baixa capacidade de transferência de representação de líderes regionais para líderes nacionais em sistemas federativos com presidencialismo majoritário, assim como permite que se teste o difícil enraizamento das lideranças nacionais como explicação para a fraqueza dos partidos políticos em democracias representativas como a brasileira.

Quanto aos achados específicos desta pesquisa, destaca-se primeiramente o fato de que as votações para presidente dos dois

principais partidos nacionais brasileiros entre 1994 e 2014, PSDB e PT, não apresentaram relação com o desempenho regional das suas lideranças nas mesmas eleições. Além disso, a presença relativa dos dois partidos sofreu queda no final do período em relação ao início, tanto para PSDB quanto para PT, indicando redução das forças eleitorais das lideranças regionais deles – ainda que sejam os únicos dois partidos a chegarem ao segundo turno em todas as eleições presidenciais, desde 2002.

Em termos de desempenho regional, o estado em que as lideranças do PT ostentam os melhores desempenhos em três das seis eleições é o Acre, localizado na Região Norte do país: enquanto as mesmas lideranças regionais vencem eleições para governador e senador, além de eleger cerca de $\frac{1}{4}$ dos deputados, o candidato do partido a presidente não consegue bons desempenhos eleitorais entre 1998 e 2006. Ao final do período, nas últimas duas eleições, o melhor desempenho das lideranças regionais do PT migra para o Estado da Bahia, na Região Nordeste. Neste caso, há maior proximidade entre desempenho do candidato a presidente no estado e as lideranças eleitorais regionais.

No caso do PSDB, o melhor desempenho das lideranças regionais se dá no Estado do Ceará, nas três primeiras eleições do período, entre 1994 e 2002; apenas no primeiro ano, a proporção de votos do candidato à Presidência é mais alta que a média dos outros estados. Nas duas seguintes, o candidato do PSDB a presidente tem desempenho abaixo da média nacional no Ceará, enquanto as lideranças regionais do partido continuam elegendo governador, senador e quase metade de todos os deputados federais e estaduais. Nas últimas três eleições do período, o melhor desempenho regional do PSDB varia entre Paraíba, em 2006, Minas Gerais, em 2010, e São Paulo, em 2014. Em todos eles, apenas na eleição mais recente, em 2014, a votação do candidato do partido a presidente ficou acima da média nacional do estado com melhor desempenho de líderes eleitorais regionais.

Referências

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo e clientelismo: uma discussão conceitual. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CERVI, Emerson U. *Índice de presença eleitoral para partidos políticos: una propuesta de aplicación al desempeño de PSDB y PT de 1994 hasta 2014 en Brasil*. Paper apresentado em Seminarios Metodológicos. Instituto Iberoamericano, Universidad Salamanca, 7 mar. 2016. Disponível em: <http://americo.usal.es/iberoame/sites/default/files/2016_paper_SemIberoIpe_esp_pdf.pdf>. Acesso em: mar. 2016.

ELCOCK, Howard. *Political leadership*. Northampton: Edward Elgar Publishing, 2001.

EPSTEIN, Daniel J. Clientelism versus ideology: problem of development in Brazil. *Party Politics*, v. 15, n. 3, p. 335-355, 2009.

GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

NATERA, Antonio. *El liderazgo político en la sociedad democrática*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2001.

SÁEZ, Manuel A. Elecciones, electores y partidos en América Latina en la década de 1990. *América Latina Hoy*, v. 13, p. 7-16, 1996.

SÁEZ, Manuel A. *El oficio de político*. Madrid: Ed. Tecnos, 2013.

VERBA, Sidney. *Small groups and political behavior: a study of leadership*. Princeton: Princeton University Press, 1961.

Anexos

PSDB

UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014	Z-score	UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014
AC	0,006	0,028	0,078	0,064	0,110	0,093		AC	-0,986	-0,949	-0,790	-0,837	-0,312	-0,213
AL	0,174	0,083	0,180	0,180	0,213	0,116		AL	0,799	-0,513	0,199	0,292	0,792	-0,013
AM	0,143	0,039	0,146	0,057	0,117	0,051		AM	0,471	-0,862	-0,124	-0,906	-0,238	-0,569
AP	0,011	0,071	0,122	0,077	0,174	0,018		AP	-0,937	-0,606	-0,367	-0,710	0,372	-0,847
BA	0,045	0,098	0,052	0,070	0,023	0,028		BA	-0,570	-0,393	-1,047	-0,787	-1,241	-0,760
CE	0,406	0,494	0,407	0,225	0,177	0,159		CE	3,261	2,756	2,417	0,728	0,401	0,344
DF	0,022	0,023	0,016	0,103	0,020	0,010		DF	-0,819	-0,988	-1,394	-0,464	-1,268	-0,916
ES	0,180	0,407	0,078	0,039	0,121	0,041		ES	0,862	2,062	-0,787	-1,085	-0,191	-0,649
GO	0,043	0,242	0,382	0,219	0,306	0,283		GO	-0,597	0,752	2,173	0,671	1,781	1,399
MA	0,021	0,037	0,078	0,182	0,085	0,018		MA	-0,834	-0,884	-0,792	0,310	-0,583	-0,846
MG	0,151	0,201	0,356	0,311	0,329	0,312		MG	0,557	0,423	1,915	1,574	2,030	1,645
MS	0,155	0,200	0,111	0,194	0,053	0,200		MS	0,598	0,419	-0,472	0,427	-0,922	0,695
MT	0,046	0,398	0,230	0,160	0,118	0,133		MT	-0,560	1,993	0,693	0,092	-0,231	0,130
PA	0,114	0,226	0,204	0,319	0,257	0,272		PA	0,159	0,620	0,433	1,651	1,259	1,302
PB	0,010	0,049	0,230	0,385	0,141	0,171		PB	-0,948	-0,784	0,693	2,294	0,022	0,448
PE	0,129	0,081	0,165	0,040	0,046	0,045		PE	0,316	-0,534	0,061	-1,071	-0,999	-0,623
PI	0,012	0,087	0,149	0,099	0,083	0,023		PI	-0,924	-0,482	-0,099	-0,500	-0,603	-0,807
PR	0,020	0,227	0,157	0,150	0,258	0,371		PR	-0,838	0,632	-0,021	0,000	1,265	2,147
RJ	0,264	0,141	0,093	0,097	0,022	0,013		RJ	1,749	-0,052	-0,643	-0,518	-1,253	-0,887

(Continuação)

UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014	Z-score	UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014
RN	0,143	0,103	0,076	0,045	0,019	0,020		RN	0,462	-0,353	-0,806	-1,027	-1,284	-0,835
RO	0,082	0,109	0,202	0,016	0,038	0,124		RO	-0,185	-0,307	0,414	-1,309	-1,076	0,051
RR	0,112	0,182	0,162	0,198	0,231	0,106		RR	0,141	0,275	0,029	0,468	0,980	-0,104
RS	0,014	0,023	0,055	0,153	0,137	0,026		RS	-0,900	-0,994	-1,020	0,029	-0,023	-0,784
SC	0,041	0,030	0,111	0,052	0,127	0,122		SC	-0,617	-0,934	-0,468	-0,960	-0,127	0,035
SE	0,185	0,184	0,095	0,051	0,079	0,014		SE	0,913	0,292	-0,623	-0,967	-0,645	-0,884
SP	0,013	0,187	0,292	0,248	0,292	0,404		SP	-0,916	0,315	1,289	0,954	1,632	2,421
TO	0,131	0,034	0,071	0,319	0,183	0,014		TO	0,342	-0,903	-0,859	1,651	0,462	-0,882
Média	0,099	0,148	0,159	0,150	0,139	0,118								
Dp	0,094	0,125	0,102	0,102	0,093	0,118								

PT

UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014	Z-score	UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014
AC	0,245	0,319	0,506	0,560	0,335	0,205		AC	0,174	3,350	2,664	3,255	1,593	0,477
AL	0,124	0,139	0,064	0,047	0,022	0,041		AL	-1,234	0,575	-1,144	-0,680	-1,243	-1,588
AM	0,214	0,086	0,035	0,022	0,048	0,105		AM	-0,190	-0,239	-1,399	-0,872	-1,009	-0,779
AP	0,184	0,022	0,290	0,050	0,049	0,091		AP	-0,534	-1,217	0,804	-0,654	-0,997	-0,949
BA	0,236	0,081	0,177	0,210	0,385	0,297		BA	0,068	-0,317	-0,175	0,573	2,055	1,645
CE	0,173	0,063	0,148	0,026	0,135	0,230		CE	-0,660	-0,587	-0,425	-0,836	-0,219	0,799
DF	0,463	0,172	0,284	0,123	0,249	0,274		DF	2,695	1,085	0,748	-0,095	0,819	1,349
ES	0,337	0,024	0,143	0,023	0,026	0,167		ES	1,236	-1,190	-0,470	-0,859	-1,209	-0,003
GO	0,234	0,052	0,171	0,021	0,076	0,154		GO	0,039	-0,755	-0,222	-0,877	-0,754	-0,163

(Continuação)

UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014	Z-score	UF	1994	1998	2002	2006	2010	2014
MA	0,176	0,111	0,087	0,066	0,018	0,034		MA	-0,628	0,143	-0,947	-0,532	-1,283	-1,669
MG	0,286	0,080	0,166	0,099	0,104	0,236		MG	0,644	-0,327	-0,271	-0,280	-0,497	0,870
MS	0,309	0,154	0,453	0,270	0,283	0,285		MS	0,912	0,802	2,212	1,031	1,125	1,489
MT	0,230	0,096	0,155	0,069	0,096	0,118		MT	-0,007	-0,075	-0,365	-0,512	-0,575	-0,611
PA	0,322	0,103	0,250	0,253	0,304	0,211		PA	1,064	0,025	0,456	0,903	1,311	0,562
PB	0,205	0,080	0,079	0,018	0,019	0,110		PB	-0,291	-0,335	-1,020	-0,902	-1,268	-0,717
PE	0,157	0,098	0,261	0,136	0,150	0,132		PE	-0,853	-0,046	0,551	0,004	-0,081	-0,442
PI	0,285	0,067	0,271	0,249	0,178	0,252		PI	0,636	-0,533	0,640	0,873	0,168	1,072
PR	0,294	0,100	0,175	0,144	0,141	0,137		PR	0,734	-0,013	-0,186	0,068	-0,162	-0,381
RJ	0,197	0,036	0,159	0,066	0,133	0,098		RJ	-0,381	-1,003	-0,329	-0,531	-0,233	-0,865
RN	0,211	0,093	0,112	0,020	0,053	0,186		RN	-0,223	-0,127	-0,734	-0,886	-0,968	0,237
RO	0,244	0,119	0,126	0,096	0,285	0,101		RO	0,164	0,272	-0,612	-0,301	1,141	-0,825
RR	0,212	0,039	0,073	0,010	0,129	0,099		RR	-0,216	-0,956	-1,071	-0,959	-0,270	-0,860
RS	0,297	0,192	0,371	0,272	0,308	0,286		RS	0,772	1,397	1,500	1,049	1,354	1,497
SC	0,073	0,093	0,248	0,154	0,203	0,202		SC	-1,822	-0,135	0,440	0,139	0,397	0,437
SE	0,027	0,026	0,233	0,330	0,226	0,187		SE	-2,355	-1,162	0,313	1,491	0,610	0,255
SP	0,194	0,208	0,214	0,278	0,259	0,231		SP	-0,422	1,647	0,149	1,098	0,904	0,812
TO	0,289	0,083	0,069	0,043	0,081	0,036		TO	0,677	-0,282	-1,107	-0,707	-0,709	-1,648
Média	0,230	0,101	0,197	0,135	0,159	0,167								
Dp	0,0863	0,065	0,115	0,130	0,110	0,079								